

PRÁTICAS CORPORAIS NOS CLUBES SOCIAIS NEGROS: DAS MEMÓRIAS AOS SABERES DA POPULAÇÃO NEGRA

Data de submissão: 20/05/2023

Data de aceite: 04/07/2023

Catarina Messias Alves

Universidade Estadual de Maringá
Maringá – Paraná
<http://lattes.cnpq.br/5741432458787564>

Delton Aparecido Felipe

Universidade Estadual de Maringá
Maringá – Paraná
<http://lattes.cnpq.br/1673979833356158>

RESUMO: Os clubes sociais negros carregam a história, resistência, persistência e re-existência da população afro-diaspórica no Brasil e apesar da diversidade de funções desses clubes na história, eles possuem em comum a luta pelo fortalecimento e valorização das identidades negras. Os clubes negros são lugares de memória, por serem ambientes de registros de acontecimentos históricos, de representações ancestrais e de ressignificações de existências. Este trabalho visa dialogar como os diferentes saberes e práticas corporais nos clubes sociais negros colaboraram com a construção de uma identidade positiva de homens e mulheres negras. Para atingir o nosso objetivo utilizamos como metodologia, a pesquisa como qualitativa,

que visa identificar as produções científicas sobre uma determinada área em um espaço de tempo conforme argumenta Santos e Morosoni (2021). Para discutir os saberes corporais que manifestaram nos clubes negros por meio das diferentes práticas esportivas como de lazer, danças, expressões corporais e musicalidade nos baseamos nos estudos de Nora (1993); Silva (1997); Soares (2004); Escobar (2010). Mapeando as práticas corporais, encontramos os times de futebol, basquete, voleibol e em alguns casos natação, práticas de lazer como as festas da cerveja e piqueniques que promoviam as trocas de alimentos e afetos entre os associados; e nas práticas dançantes temos os bailes que por meio das expressões corporais fortaleciam e valorizavam os aspectos gestuais e a musicalidade ancestral. Concluímos que estas práticas corporais valorizavam a identidade negra, de modo a suscitar reflexões que fortaleceram a população negra a reestruturar sua luta, ocupando locais de protagonismo social, questionando as discriminações sofridas e ressignificando o silenciamento em enfrentamento.

PALAVRAS-CHAVE: Clubes Sociais Negros; Educação Física; Lugares de

BODILY PRACTICES IN BLACK SOCIAL CLUBS: FROM MEMORIES TO KNOWLEDGE OF THE BLACK POPULATION

ABSTRACT: Black social clubs carry the history, resistance, persistence and re-existence of the Afro-diasporic population in Brazil and despite the diversity of functions of these clubs in history, they have in common the struggle for strengthening and valuing black identities. Black clubs are places of memory, because they are environments of records of historical events, ancestral representations and re-significations of existences. This work aims to dialogue how different body knowledge and practices in black social clubs collaborated with the construction of a positive identity of black men and women. To achieve our goal we use as methodology, research as qualitative, which aims to identify scientific productions on a particular area in a space of time as argued by Santos and Morosoni (2021). To discuss the body knowledge that manifested in black clubs through different sports practices such as leisure, dances, body expressions and musicality we based on the studies of Nora (1993); Silva (1997); Soares (2004); Escobar (2010). Mapping bodily practices, we found soccer, basketball, volleyball and in some cases swimming teams, leisure practices such as beer parties and picnics that promoted exchanges of food and affects among members; and in the dance practices we have the balls that through the body expressions strengthened and valued the aspects and the ancestral musicality. We conclude that these corporal practices valued the black identity, in order to raise reflections that strengthened the black population to restructure their struggle, occupying places of social protagonism, discrimination and resignifying the silence in confrontation.

KEYWORDS: Black Social Clubs; Physical Education; Places of Memory ; Black Identity; Protagonism.

1 | INTRODUÇÃO

No Brasil estudar as temáticas das relações étnico-raciais, nos possibilita entender a organização social em diferentes tempos históricos e seus processos para identificação enquanto nação. Os estudos desenvolvidos acerca do movimento negro brasileiro e seus protagonismos para resistência (DOMINGUES, 2003), evidencia-nos a estruturação do país nos pilares do racismo estrutural, que se enraíza nas instituições e nas ações individuais. A partir da invisibilidade emerge-se a união enquanto identidade negra para resistência racial perante a sociedade.

A pesquisa de Almeida (2019) direciona-nos a entender que a estrutura social se compõe de conflitos, expressando por meio destes o racismo, com seus privilégios e suas violências. Enquanto seres sociais que estruturam uma sociedade, os sentidos e significados das ações desempenhadas refletem os padrões, as regras e as condutas interseccionada pelas relações de poder. A ordem estrutural qual se estabeleceu a sociedade brasileira, exacerbou as desigualdades políticas, econômicas e jurídicas, de modo a se instaurar uma

normalização, por meio da hegemonia de grupos dominantes, resultando à intensificada depreciação a população negra e seus aspectos culturais.

Resistindo a opressões estabelecidas pela ordem estrutural, a dinâmica do combate ao racismo, materializada no movimento negro, apresenta-nos a amplitude enquanto organização social. De acordo com Santos (1985), esta união dos negros em movimento constitui-se como ato político, educador, emancipatório, cultural e reivindicativo. O autor descreve movimento negro como

[...] todas as entidades, de qualquer natureza, e todas as ações, de qualquer tempo (aí compreendidas mesmo aquelas que visavam à auto-defesa física e cultural do negro), fundadas e promovidas por pretos e negros. (Utilizo preto, neste contexto, como aquele que é percebido pelo outro; e negro como aquele que se percebe a si). Entidades religiosas (como terreiros de candomblé, por exemplo), assistenciais (como as confrarias coloniais), recreativas (como “clubes de negros”), artísticas (como o Grupo de Dança Afro Olorum Baba Mi), culturais (como diversos “centros de pesquisa”) e políticas (como o MNU); e ações de mobilização-política, de protesto anti-discriminatório, de aquilombamento, de rebeldia armada, de movimentos artísticos, literários e “folclóricos” - toda esta complexa dinâmica, ostensiva ou invisível, extemporânea ou cotidiana, constitui movimento negro (SANTOS, 1985,s/p).

Infere-se que a presença do movimento negro marca-se historicamente ao longo da história brasileira. Antes ou depois da abolição, em 1888, como consta nos livros de história, a população negra, ao chegar no Brasil como escravizada, de modo recorrente teve que criar estratégias para sobreviver. As expressões de luta e resistência se apresentavam de diferentes formas e em diferentes lugares, desde manifestações no próprio engenho, aos atos em organizações externas, como os clubes sociais negros. Corroborando, Gomes (2019, p. 24) acrescenta que nas diferentes organizações, os negros em movimento lutam pela não romantização no trato das relações étnico raciais, e buscam “reconhecer os vínculos históricos, políticos e culturais dessa relação, compreendo-a como integrante da complexa diáspora africana”.

Reconhecer as diferentes entidades fundadas e promovidas pela população negra, direciona-nos a conhecer sua ancestralidade, sua cultura, sua identidade, constituindo estes espaços enquanto lugar de memória. Refletir sobre os lugares de memória da população negra, propicia-nos compreender os processos de valorização e fortalecimento da identidade negra, evidenciando a resistência, persistência, re-existência da população afro-diaspórica no Brasil. Segundo Nora (1993) lugar de memória são espaços que expressam a história de um povo, e no contexto dos clubes sociais negros as ações culturais, políticas e econômicas orientaram à constituição identitária étnico racial, de modo a retirar da invisibilidade estes sujeitos e revigorar a luta para o estabelecimento de direitos sociais.

A reafirmação dos saberes ancestrais, resistência e re-existência nos lugares de memória, faz emergir a identificação da população negra, que se constitui a partir da

percepção dos sujeitos do mesmo grupo étnico racial sobre si mesmo e sua relação com o outro (GOMES, 2002). O pertencimento das relações humanas estabelecidas nesses espaços fortalece e valoriza a etnicidade, de modo a ressignificar as existências e as práticas culturais da população negra. Relacionado aos clubes sociais negros, as práticas dos negros em movimento expressam a desarticulação dos impedimentos de acesso a lugares e a invisibilidade enquanto ser social. Os espaços de lazer e os clubes constituíam-se de pertencimento, afeto, resistência e uma estratégia de sobrevivência.

Os clubes sociais negros, enquanto espaço de existência e resistência da população negra, antecedem a abolição da escravatura, em 1888, perpassando o século XX e adentrando o século XXI. No decorrer da história os clubes sociais negros, promoveram o incentivo à socialização de seus associados/as por meio de atividades recreativas, culturais, beneficentes e esportivas; ajuda econômica à população negra, que, em muitos momentos, esteve a marginalização pelo Estado. Como argumenta Escobar (2010), os clubes se empenhavam em apoiar as famílias negras nos casos de enfermidades ou morte, o que colaborava para que os associados vissem “naquele espaço um lugar de segurança e de defesa de direitos e nele buscavam ‘socorro’ quando mais precisavam” (ESCOBAR, 2010, p. 60).

As atividades de apoio à população negra desenvolvidas pelos clubes negros demonstraram significativa contribuição para movimento negro. Com base nessas atividades, a Comissão Nacional de Clubes Sociais Negros, criada em 2008, em Santa Maria no Rio Grande do Sul, afirma que os clubes negros podem ser compreendidos como

[...] espaços associativos do grupo étnico afro-brasileiro, originário da necessidade de convívio social do grupo, voluntariamente constituído e com caráter beneficente, recreativo e cultural, desenvolvendo atividades num espaço físico próprio. (Ata da Reunião da Comissão Nacional de 29 de fevereiro de 2008, apud ESCOBAR, 2010, p. 62).

Compreendendo a importância dos clubes sociais negros, enquanto lugares de memórias saberes e práticas corporais surge-nos a seguinte indagação: de que maneira as práticas corporais vivenciadas nos clubes sociais negros valorizaram e fortaleceram a identidade da população negra nos diferentes tempos históricos? Como percurso para solucionar esta indagação estabeleceu-se como objetivo dialogar como os diferentes saberes e práticas corporais nos clubes sociais negros colaboraram para construção da identidade negra. Optou-se para atender a tal objetivo realizar uma pesquisa qualitativa, do tipo estado do conhecimento (KOHLS-SANTOS; MOROSONI, 2021).

2 | PRÁTICAS CORPORAIS NOS CLUBES SOCIAIS NEGROS

O entendimento acerca das práticas corporais compreende-as como manifestações culturais que possibilitam condições para a ampliação do número de praticantes decorrente a sua condição atrativa, assim como sua riqueza cultural (GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA,

2017). Agregando desta maneira sentido e significado à construção da formação integral, facilitando o vínculo dos participantes com os processos educativos formais. Em outros termos, práticas corporais refere-se à educação física e áreas afins que a compõe, tais como: esportes, danças, jogos, brinquedos e brincadeiras, lutas, expressões corporais, ginásticas, práticas corporais de lazer e aventura. Dialogar sobre essas práticas, direcionamos as ações sociais e culturais, de modo a emergir a formação da identidade negras como combatente as reproduções das desigualdades na sociedade.

Abordar as práticas corporais em lugares de memória que caracterizam o movimento negro, neste estudo os clubes sociais negros, apresenta-nos a ressignificação para práticas corporais da população negra, decorrente as vivências anteriormente invisibilizadas nos clubes hegemônicos, para pessoas brancas, que reforçavam os estereótipos sociais. Enquanto organização étnico racial, os clubes promoviam ações de sociabilidade que valorizavam e fortaleciam a identidade negra, para que se instaurasse a visibilidade e o pertencimento nas relações humanas naquele ambiente estabelecido. Dos corpos negros em movimento se expressam os lugares de fala e as mudanças efetivas na sociedade, como expressão de luta para o cessamento das reproduções das desigualdades.

Os clubes sociais negros a serem salientados neste estudo localizavam-se na cidade de São Paulo, e o conhecimento de suas existências foram possíveis por meio da pesquisa de Silva (1997). As práticas apresentadas ao diálogo foram experienciadas nas associações: Clube Negro de Cultura Social; Clube KKY, Evoluídos; Associação Nacional Instrutiva “José do Patrocínio”; Associação Cultural do negro; Clube Coimbra e o Clube 220. Em decorrência da época que se fundaram não encontrou-se as datas de fundação das associações Evoluídos, Clube Coimbra e Clube 220. Ainda que possuíssem nomes diferentes, os clubes tinham em comum o fortalecimento e a valorização da identidade negra, por meio do processo de sociabilidade e pertencimento.

Em 1932, o Clube Negro de Cultura Social fundou-se. Tinha como fundadores os negros e negras que não se identificavam com a Frente Negra. No clube destacava-se a preocupação com os aspectos culturais, o incentivo à leitura de Cruz e Souza e, com isso, destaca-se um apontamento de Silva (1997, p. 109) sobre a “consciência de si e de seus iguais”, somada à identidade negra que emergia a partir das leituras de poesia. Juntamente à literatura, o clube também promovia esportes, de maneira que não deixasse de relacionar com os outros aspectos culturais, pois, com isso, satisfazia os gostos de todos os seus associados. Conforme entrevista dada à Silva (1997, p. 110) Sr. Arnaldo menciona “[...] O falecido Barbosa, ele ficou empolgado de ver uma pessoa de cor, que era muito difícil. jogando bola ao cesto [...] naquele tempo, o Clube tinha seção esportiva, bola ao cesto, tênis de mesa, atletismo [...]”.

As práticas esportivas e culturais desenvolvidas no clube não se desvinculavam da política, era presente a participação às reivindicações do movimento negro. Nas práticas corporais, enquadravam-se os esportes, podendo compreender o pertencimento que os

associados sentiam naquele ambiente, pois o lócus possibilitava uma vivência que, fora dos muros do clube, eram negados. Dessa maneira, Dona Pedrina comenta,

[...] Eu tinha 14 anos quando praticava basquete, eu sempre gostei. Ali no Clube Negro era basquete, ping pong, fazia atletismo e o Clube fazia parte da S. Silvestre. Eu e meu marido corríamos. Assim o Clube foi indo, naquele tempo o negro já fazia por si. Eles faziam aquela parte, era assim: O pessoal ia procurar emprego, iam num restaurante, o pessoal brecava, não podia entrar porque era negro. **Então o clube foi se fechando em torno do pessoal, entre os negros mesmo** (SILVA, 1997, p. 112, grifo nosso).

De acordo com Silva (1997, p.113), uma das atividades recorrentes eram os piqueniques. O piquenique possuía uma significância maior que as trocas de alimentos, era “uma alternativa para o convívio social já que lá fora havia interdição, principalmente em restaurantes para o negro [...] é um evento especial porque ao trocar o alimento, troca-se afeto também”. Das práticas corporais, evidenciava-se as danças. Nesse momento de sociabilidade, há o destaque para as músicas, instrumentos e danças. Essa relação de troca possibilita ao corpo negro, que passa na sociedade por diversas repressões resultantes do racismo estrutural, encontrar o seu momento de expressão corporal. Evidenciando que, a partir das danças, essas relações sociais poderiam se conectar ainda mais, reforçando o sentimento de pertencimento e representatividade.

Três anos após a criação do Clube Negro de Cultura Social, em 1935, temos a fundação do Clube KWY, a partir da reunião de cinquenta homens. Segundo Silva (1997), os seus entrevistados não souberam explicar a origem e o significado do nome. O clube se originou na Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, tendo como finalidade a organização de bailes mensais. KWY não possuía uma sede social, suas reuniões eram realizadas nas casas dos seus integrantes fundadores e, para o momento dos bailes, eram alugados salões na cidade.

Na lembrança das vivências do baile destaca-se o caráter familiar do ambiente e o rigor para a entrada de novos sócios. Esses elementos tornam-se importantes, pois, a partir dessas concepções, entende-se a funcionalidade do clube e, principalmente, quais eram os preceitos que se evidenciavam entre os associados. Os clubes negros tinham uma preocupação com quem frequentava os bailes, pois, devido às discriminações sociais na sociedade, esses eram um dos poucos ambientes e momentos em que podiam participar. Evidenciamos o rigor estabelecido pelos fundadores do KWY, no baile e no piquenique, para aceitar novos sócios e preservar suas imagens por meio do relato do senhor Armando no estudo de Silva (1997)

[...] Para alguém dançar no KWY, tinha que ser apresentado por um sócio. Se não fosse apresentado, não podia. Eu lembro de uma vez 30 um sujeito apresentou lá um mulatão. Era um cara que tinha muito dinheiro. Ele fazia seus negócios de roubo. E foi convidado e apresentado. Chegou lá, ele pegou uma mesa e mandou encher de cerveja. O diretor quando viu o garçom pôr as cervejas na mesa ele disse: - Olha me desculpe. O Sr. Pode tomar a

cerveja que tiver aqui, mas não precisa ser de uma vez só, né? O Sr. pode ir pedindo tal. E o diretor ficou conversando com ele para saber quem o tinha convidado, o responsável por ele. Chamou a pessoa e disse: - Olha, senhor não apresenta mais esse elemento aqui, ele não pode vir novamente não. Ah! Mai ele tem dinheiro. O diretor disse: - Não interessa que ele tem dinheiro, o que está interessando aqui são as famílias que estão aqui, o convívio e o ambiente aqui (p. 117).

Eram sempre as mesmas pessoas que iam. No KWY não tinha muita gente. Tinha de 50, 60 até 100 pessoas. E engraçado nos piqueniques quem ficava ruim não eram os que bebiam muito, mas eram os que comiam alguma coisa que fazia mal. O problema não era a bebida, entendeu? Mas era o respeito também. O Natalino que sempre bebia muito e desmaiava ou dormia mesmo! Nunca falavam – Fulano está bêbado. Não! Fulano tá se sentindo mal! (p. 118).

A partir dos relatos, a autora nos recapitula que, exterior aos momentos vivenciados no clube, o negro tinha como estereótipo ser considerado bêbado. Com isso, dentro desse ambiente os fundadores e os demais associados asseguravam para que não fossem reforçados as discriminações e os estereótipos que, de maneira estrutural, a sociedade os lembrava cotidianamente. Para isso, as normas rígidas.

O próximo clube a ser apresentado de maneira breve, por possuir as mesmas características do KWY, é o clube Evoluídos, que também se originou na Irmandade e realizava bailes mensais, frequentado pelas famílias. Assim como o KWY, possuía uma rigorosidade para o ingresso de novos associados. Por ter os bailes como atividade principal, as danças novamente se destacam às práticas corporais. Segundo Silva (1997), as associações negras desapareceram durante o Estado Novo, de 1937 a 1945. Nos acrescenta ainda que

[...] durante a instalação do Estado Novo havia um rigoroso controle das atividades sociais no meio negro. Era preciso informar toda e qualquer reunião aos órgãos competentes. Os agentes de polícia compareceriam às reuniões, e em seguida escreviam relatórios detalhados do acontecimento, relatando nomes, cargos e seus discursos (SILVA, 1997, p. 128).

Os movimentos ressurgem em 1945 e, nesse ano, temos a Associação dos Negros Brasileiros ou “centro de irradiação do pensamento e de ação social unificadora do negro brasileiro”, como se autodefine (SILVA, 1997, p. 129). A autora ainda nos aponta que essa associação se organizou a partir da união dos líderes: Sr. Correia Leite e Sr. Raul Joviano do Amaral, personalidades importantes dos movimentos anteriores ao Estado Novo. A Associação dos Negros Brasileiros possuía departamentos para auxiliar nas suas atividades, eram eles: infantil, social, artístico, divulgação, ensino e cultura, esporte, feminino e assistência social. Eles estimavam alcançar muitos sócios, porém essa estimativa não foi alcançada e o clube fechou em 1948.

Naquele mesmo ano surgiu a Associação Nacional Instrutiva “José do Patrocínio”,

que tinha como objetivo principal a educação dos negros. Pensando nessa atividade, os fundadores criaram cursos profissionalizantes para que atendessem seu objetivo e, conseqüentemente, seus associados. Junto das ações educacionais o clube promoveu bailes e já destacamos as danças como prática corporal desenvolvida, festas e piqueniques. De acordo com a autora supracitada, “as festas eram para realçar a beleza negra” e isso ocorria por meio dos concursos, uma prática comum nos clubes negros. A Associação José do Patrocínio teve uma duração de 11 anos.

Em 1954, os antigos associados do Clube Negro de Cultura Social se reuniram e fundaram a Associação Cultural do Negro, cujo objetivo era valorizar e dar visibilidade ao negro, por meio da cultura. Não possuíam sede própria, funcionava no Prédio Martinelli. Ainda que sua sede fosse alugada, a organização era positiva, se dividindo em departamentos para melhor administração: esportes, cultura e social, cada departamento possuía uma direção. A Associação Cultural do Negro, devido à sua boa organização e a promoção dos bailes, jogos, sessões litero-musicais, concertos, canto orfeônico, palestras, campeonatos e jogos pelo interior do Estado, cursos de matemática e português, 32 passou a ser uma referência, como os demais clubes, em diferentes períodos, na vida pessoal e social dos negros.

Recebeu um destaque para a vida do negro em São Paulo, pois “ao promover esses cursos levava, a diante a ideia de que as associações poderiam ser ao mesmo tempo recreativas, formativas e principalmente promotoras de solidariedade” e com isso fortalecia a construção da identidade negra individual e coletiva. Dentro dos relatos compartilhados na Associação os fundadores junto dos associados, percebeu-se a importância das denúncias para que os negros fossem aceitos nos mais diversos espaços. Iam aos órgãos de comunicação e denunciavam. Tiveram como resposta a uma das denúncias feitas a aceitação do negro no Palmeiras, Corinthians e no Mappin.

Importante vivência que contribuiu para construção da identidade negra foram os bailes promovidos, nos fazendo voltar para a representação das práticas corporais no contexto da dança. No entanto, não se pode deixar de pontuar que a Associação Cultural do Negro tinha como intensa atividade o esporte. Segundo Silva (1997), eles tinham uma grande quantidade de jogadores profissionais que representavam o clube sem cobrar cachê, apenas jogavam na associação. Ainda que tenhamos esse contexto de jogadores profissionais, devemos considerar a importância dos esportes, principalmente o futebol, dentro dos ambientes dos clubes negros. Uma vez que sua prática na sociedade, fora dos clubes negros, não era permitida aos negros, então, quando essa prática conseguia ser vivenciada, tendo como protagonistas os negros, encontramos o posicionamento político dentro das práticas corporais contra o racismo estrutural.

Para Silva (1997), afirma que, a Associação esteja ligada ao esporte, sua prática não se aliena, ao contrário: compartilha das discussões mais gerais do racismo. É isso se confirma por uma entrevista do trabalho com o senhor Armando. Infelizmente, devido

a problemas nas questões financeiras da Associação, suas atividades duraram até 1968. E, de acordo com a autora, as possíveis causas do fechamento são: “a crise financeira, ausência de lideranças e o cenário político da década de 60” (SILVA, 1997, p. 141).

[...] aí me chamaram – Vem cá. O Sr. não jogou aqui contra os Gloriosos da Consolação? Eu disse: - Joguei. Não era aquele clube de pessoas escuras? Eu disse: **Não são escuros! Não existe nem mulatos, nem escuros. É negro. Negro é negro e branco é branco** (SILVA, 1997, p. 141, grifo nosso).

Na década de 60, os Clubes Coimbra e 220. O clube Coimbra ficava localizado na avenida São João, tinha uma característica de ser frequentado por pessoas populares, trabalhadores, com destaque para as domésticas. Ressalva para o apontamento que “o espaço do clube era utilizado todas as noites, porque as empregadas iam até a sede para assistir televisão” (SILVA, 1997, p.144). O clube ganhou visibilidade entre os negros por promover jogos de futebol, basquete, jogos de capoeira e os bailes aos finais de semana. A construção da identidade negra e a sociabilidade se faziam presentes constantemente no Clube Coimbra.

O Clube 220, que ficou bastante conhecido por promover eventos importante e populares. O clube tinha como sede o Edifício Martinelli, um andar acima da Associação Cultural dos Negro. Era frequentado por funcionários públicos e operários qualificados como mecânicos, torneiros, ajustadores, pequenos comerciantes entre outros. Suas atividades de destaque estavam em torno da promoção de jogos de futebol, basquete, cursos de corte e costura, bailes e concursos de beleza negra. Os bailes promovidos pelo Clube 220 proporcionavam uma interação entre a população negra, que fortalecia suas identidades e os possibilitava enquanto negros que se conectam em movimento um ambiente de pertencimento.

Os bailes como um momento de reflexão que propicia à corporeidade negra criar laços de amizade e relações de reconhecimento de si no outro, nesse processo se ressignifica elementos culturais invisibilizados por remeter a ancestralidade negra. No ano de 1962, o Clube 220 organizou o concurso “Bonequinha de Café”, que elegia e coroava a negra paulistana mais bonita Félix (2000). A coroação e demais solenidades ocorriam sempre no dia 13 de maio, em comemoração à abolição da escravatura. De acordo com Silva (1997), eram feitas no pátio da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos homens pretos, em frente ao monumento à Mãe Preta.

A partir da contextualização dos clubes sociais negros da cidade de São Paulo, visualizou-se e caracterizou-se as principais atividades protagonizadas pela população negra. Os negros em movimentos valorizam suas identidades e criam ambientes de pertencimentos e sociabilidade nos clubes. As práticas corporais para população negra se complementam e criam ambientes de pertencimentos, que conduzem a população negra a lutar por lugares de fala e mudanças efetivas na sociedade, cessando, assim, a reprodução das desigualdades.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os clubes sociais negros enquanto lugares de memória, demarcaram uma mudança social significativa, por meio de suas práticas corporais, retirando da invisibilidade a etnicidade dos sujeitos afro-diaspóricos no Brasil. Buscar compreender de que maneira as práticas corporais vivenciadas nos clubes sociais negros valorizaram e fortaleceram a identidade da população negra nos diferentes tempos históricos, possibilita-nos aprender que em uma sociedade fundante no racismo estrutural, a resistência e a re-existência intersecciona-se as memórias simbólicas de diferentes espaços promove o pertencimento enquanto grupo étnico.

Os diálogos apresentados das diferentes práticas corporais das associações evidenciaram que para além da possibilidade de frequentar espaços de lazer, relaciona-se as trocas de afetos, acolhimento, de modo a constituir, valorizar e fortalecer a identidade negra. Os sentidos e significados dos saberes possibilitaram aos corpos negros movimentos que ressignificaram as estratégias de sobrevivência e a visibilidade nas relações sociais estabelecidas.

Este estudo não visa esgotar as discussões sobre clubes sociais negros e as práticas corporais, mas demonstrar como estes espaços foram fundamentais para o fortalecimento da identidade negra de seus participantes, além de mostrar que diversas práticas corporais, sendo esportivas ou de lazer, foram utilizadas como estratégias de unificar os negros e negras que frequentavam estes espaços.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro e educação, alguns subsídios históricos**. Estudos africanos, história e cultura afro-brasileira: olhares sobre a Lei, v. 10, n. 03, p. 25-40, 2003.

ESCOBAR, Giane Vargas. **Clubes sociais negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial**. 2010. 221 f. Dissertação (Mestrado em História e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

FÉLIX, João Batista de Jesus. **Chic Show e Zimbábwe e a Construção da Identidade nos Bailes Black Paulistanos**. 2000. 202 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

GOMES, Nilma. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. 2002. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. São Paulo: Editora Vozes, 2019.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, AMAURI APARECIDO BÁSSOLI de (Orgs.). **Esportes de invasão**: basquetebol-futebol-futsal-handebol-ultimate frisbee. Maringá: Eduem, 2017.

KOHL-SANTOS, Pricila; MOROSINI, Marília Costa. **O revisitar da metodologia do Estado do Conhecimento para além de uma Revisão Bibliográfica**. Revista Panorâmica online, v. 33, 2021.

NORA, Pierre et al. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O movimento negro e a crise brasileira**. Política e administração, v. 2, n. 2, p. 287-307, 1990.

SILVA, Maria Aparecida Pinto. **VISIBILIDADE E RESPEITABILIDADE MEMÓRIA E LUTA DOS NEGROS NAS ASSOCIAÇÕES CULTURAIS E RECREATIVAS DE SÃO PAULO (1930-1968)**. 1997. 175 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.